

Estudo de caso sobre a capacitação docente na área de turismo no estado do Rio de Janeiro*

Teresa Cristina Viveiros Catramby (tcatramby@terra.com.br) **e
Stella Regina Reis da Costa ***

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a atual situação da Educação em Turismo, em nível superior, no Estado do Rio de Janeiro. Sendo a capacitação profissional um dos fatores chave para a competitividade do setor turístico, a qualidade da capacitação deve ser prioridade para entidades públicas e privadas ligadas diretamente ao setor de educação. O produto turístico possui particularidades próprias e, conseqüentemente, a formação profissional deve estar baseada em competências que atendam as necessidades e expectativas do consumidor turista. Procurou-se comprovar a hipótese de que a capacitação docente é um dos fatores que influenciam na qualidade da formação profissional. Neste estudo o corpo docente foi analisado como sendo um dos inputs do processo de ensino-aprendizagem juntamente com o projeto pedagógico, estrutura tecnológica e biblioteca. Através deste trabalho realizamos um estudo de caso, no Estado do Rio de Janeiro em Instituições de Ensino Superior, onde foram analisados aspectos sobre a elaboração de currículos, contratação de professores, incentivos à capacitação docente e atualização, assim como se estão sendo disponibilizadas disciplinas para formação docente durante a graduação. Por meio deste estudo foi possível avaliar a situação atual tanto das instituições, públicas e privadas, quanto dos docentes, no caso específico os graduados em Turismo, no estado. Comprovou-se que a qualidade do ensino-aprendizagem está relacionada à capacitação e qualidade do corpo docente devendo ser este uma prioridade para que as Instituições de Ensino tenham, então, um ensino de qualidade.

Palavras-chave: Palavras-chave: ensino, qualidade, turismo e docência.

Abstract

This research has the aims to present the tourism education situation, specifically the graduation, in the state of Rio de Janeiro. Capability is one of the most important issues for competitiveness in this field, it demands quality which must be a priority for private and public institutions that deal with tourism. The tourist product and the competences required for professional background are presented here in order to connect them to the needs of the tourist customer. This study investigates the hypothesis that the teacher's capability is one of the most influential points in professional quality. At this case study the professorship had been analyzed as one of the inputs of the educational process as well as pedagogical plan, technological structure and library. It was made a case study in colleges of Rio de Janeiro State (Brazil) with the purpose of analysing aspects involving curriculum and syllabus preparation, hiring professors, support to professors' educational background and the disciplines that are important to future teachers and professors in their major in college. Through this case we were able to analyze the situation of the institutions, public and private, on concern of their professor, specifically the ones that graduate in tourism, at state of Rio de Janeiro. We have proved that quality of education is related to teachers' capability and quality of their professorship and that has to be a priority for institutions that want to have quality.

Key-words:: education, quality, tourism, teaching.

Introdução

A importância do setor turístico, hoje, é resultado da conjugação de uma série de forças que moldaram sua estrutura e organização ao longo do tempo. Segundo Lage e Milone (2001) a atividade está próxima de atingir seu ponto de maturidade, em nível mundial, sinalizando a estabilização de seu desenvolvimento. Esta não é a situação do Brasil, cuja ação, na área do turismo, ainda encontra-se incipiente. O amadorismo com que o setor foi tratado até pouco tempo, a falta de políticas claras e de ações de longo prazo, os poucos investimentos e a falta de recursos humanos capacitados, não prepararam o país para uma situação favorável de mercado, onde a concorrência está cada vez mais acirrada.

O estudo de Turismo, em nível superior no Brasil, iniciou-se em 1971 com a implementação do primeiro curso, na então Faculdade Morumbi, em São Paulo. Por ser um setor em franca expansão, um número expressivo de cursos técnicos e superiores foram abertos nos últimos dez anos, razão que permite-nos verificar a preocupação acentuada com a formação da mão-de-obra específica para a docência. Para Trigo (2000, p.248), "os cursos são novos, o mercado profissional brasileiro voltou a crescer também recentemente (meados da década de 90), a formação profissional é variada e complexa e há poucos profissionais capacitados para ensinar".

O Ensino Superior de Turismo e suas variáveis têm sido tema de estudo de pesquisadores, no Brasil, como: Ansarah (2002), Teixeira (2001), Trigo (2000), Rejowski (1996) e Dencker (2002). E, no exterior: Jafari (1981), Westlake (1992), Cooper e Sheperd (1994) e Leiper (2000). Observamos, que um dos pontos considerados críticos nas discussões, tem sido a qualificação dos profissionais docentes. A este pode-se atribuir ao fato de que todos estes autores fizeram

curso superior na área, e/ou estão vinculados a uma Instituição de Ensino Superior (IES) como professores e/ou pesquisadores e vivenciam esta problemática.

A relevância deste estudo evidencia-se pela necessidade de qualidade nos serviços oferecidos aos turistas para que o setor torne-se apto a competir com mercados já consolidados. Esta afirmativa tem por base a formação de mão-de-obra, mais especificamente em nível superior, pois, é responsável pela gestão do sistema, formação de mão-de-obra e construção de conhecimento.

As Instituições de Ensino Superior (IES), formadoras de mão-de-obra qualificada, devem buscar no mercado as necessidades para, assim, construir seus currículos e o plano pedagógico. Fica a dúvida se realmente os currículos estão de acordo com as necessidades do mercado e se as instituições colocam-se como mercado, neste caso na formação de docentes para seu próprio suprimento e construção de conhecimento.

Vale, então, analisar o contexto para apontar possíveis falhas e apresentar a contribuição de melhorias para que o sistema de ensino de Turismo no Brasil torne-se um sistema de qualidade, e que o estudo venha a servir de material de consulta para pesquisadores e IES.

Metodologia

Não obstante existam vários métodos de pesquisa, e a partir do exposto por Marconi e Lakatos (1986, p. 28) onde "a seleção do instrumental está, portanto, diretamente relacionada com o problema a ser estudado [...]" o método escolhido para este trabalho vem a ser o estudo de caso. Para Yin (2001, p. 19) os estudos de caso "[...] representam a estratégia preferida [...] quando o pesquisador tem pouco controle

* Parte de dissertação aprovada pelo LATEC - UFF - Universidade Federal Fluminense, defendida em 12/2004.

** Turismóloga, Mestre em Sistemas de Gestão pelo LATEC - UFF - Universidade Federal Fluminense. Docente da Universidade Estácio de Sá e Universidade Católica de Petrópolis no curso de Turismo.

*** Doutora em Engenharia Química pela COPPE/UFRJ. Professora titular da UFRJ. Coordenadora Geral do Programa Qualidade Rio do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real". Pearce (apud REJOWSKI, 1996, p. 47) afirma ser o estudo de caso um dos recursos metodológicos na pesquisa turística.

Este método demonstra ser o adequado para analisar a situação das IES e dos docentes no estado do Rio de Janeiro, pois através de generalizações poder-se-á chegar a uma conclusão ampla por intermédio de fatos singulares. Porém, cientes de que pode apresentar dificuldades pelas especificidades das informações no que se refere à estrutura oferecida pelas Instituições.

Com relação a esta pesquisa o problema refere-se à qualidade da formação profissional em Turismo e esta relacionar-se, diretamente, à parâmetros estipulados e a formação de docentes compreendendo ser este um dos fatores-chave para a qualidade desta formação.

Como técnica utilizou-se a entrevista pessoal estruturada, para que os entrevistados respondessem às mesmas perguntas e as comparações fossem entre os respondentes e não as perguntas, através de um questionário, com perguntas abertas e fechadas, dividido em partes, a saber: à coordenação, à instituição, ao corpo docente e discente. Foram entrevistados os coordenadores de cursos de Turismo que inicialmente foram contatados via telefone. Vale expor sobre a grande dificuldade em marcar as entrevistas e encontrar disponibilidade dos entrevistados.

Os dados foram tabulados utilizando o programa SPSS¹ para o Windows, levando-se em consideração, primeiramente, as respostas abertas que foram analisadas por grupos de afinidade e posteriormente analisadas através do cruzamento de variáveis.

O universo desta pesquisa vem a ser as IES que possuem o curso de Turismo, e

dada à complexidade em se analisar este universo, em sua totalidade, utilizou-se, como escopo, as instituições sediadas no Estado do Rio de Janeiro.

O estado do Rio de Janeiro possui 15 Instituições que oferecem o curso de Turismo sendo duas públicas e treze particulares, segundo dados extraídos do site da ABBTUR. Três instituições possuem mais de um Campus entre área metropolitana e interior do estado², totalizando 26 locais que oferecem o curso. Foram pesquisadas: uma instituição pública, uma instituição no interior do estado e o restante na área metropolitana.

Obtivemos resposta de apenas 40% do total das instituições, sendo um número considerável e que nos permite visualizar o panorama da educação em Turismo de acordo com os nossos objetivos. As instituições foram codificadas por A; B; C; D; E e F, desta forma serão citadas no decorrer da análise.

Estudo de Caso: O Turismo no estado do Rio de Janeiro

Capital da Colônia, Capital do Império, Capital da República durante quase dois séculos (1763 a 1960), o Rio de Janeiro não foi apenas o centro político, cultural, econômico, financeiro e social, tem sido até hoje a síntese do Brasil. Com a transferência da Capital do país para Brasília, a cidade perdeu o "status" político, mas conservou intacta sua vocação de centro cultural e turístico sem par.

O Turismo no Rio de Janeiro é o retrato do Turismo no Brasil. Considerado pela Embratur o principal portão brasileiro de entrada dos turistas internacionais a cidade não deixa de ser uma das capitais mais visitadas do mundo, sendo um referencial para a atividade turística nacional e internacional.

Segundo levantamento realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado (2002), o Produto Interno

¹ SPSS é um programa desenvolvido pela Microsoft e que permite tabular e analisar dados quantitativos e qualitativos.

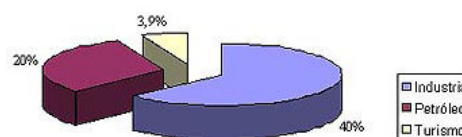
² Para efeito de amostra utilizaremos por base as instituições-sede por possuírem o curso a mais tempo.

Bruto (BIP) fluminense situou-se em R\$ 216.224 bilhões, correspondentes a 16,3% do PIB nacional, o que coloca o Estado do Rio como a segunda economia do país. Em relação a 2001, o crescimento foi da ordem de 5,1%, três vezes maior que o crescimento do PIB nacional, de 1,52%.

Na composição do PIB do Rio, segundo dados da Turisrio (2004), a indústria em geral comparece com 41%, o petróleo com 20%, e o turismo com 3,9%. No PIB brasileiro, da ordem de R\$1.330.000.000 (um trilhão e trezentos e trinta bilhões), o turismo representa cerca de 6,5% do total, como demonstra o Gráfico 1.

Gráfico 1. Composição do PIB no estado do Rio de Janeiro.

Fonte: Turisrio (2004)



Dados da Turisrio (2004) relativos à entrada de estrangeiros no Brasil nos mostram que foram 3,78 milhões em 2002 e 4,09 milhões em 2003 (aumento de 8,12%), onde o ingresso de dólares correspondeu a US\$ 3,12 milhões em 2002 e US\$ 3,38 milhões em 2003 (aumento de 8,52%)

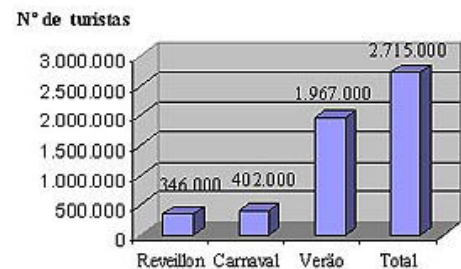
Em 2002, o Rio de Janeiro recebeu 1,45 milhões de estrangeiros e foi o destino de 38,5% dos estrangeiros que vieram ao Brasil. Um dado interessante é que Búzios é a 10ª cidade mais visitada do país e Paraty foi o 5º destino de franceses e ingleses, na frente, por exemplo, de cidades como Recife.

Na cidade do Rio de Janeiro são realizados dois grandes eventos que tiveram a participação, segundo dados da Turisrio (2004), na temporada 2003/2004, de um total geral de aproximadamente 2.715.000 turistas, entre nacionais e internacionais. A renda geral do período ficou estimada em cerca de

US\$950 milhões. Estes dados podem ser visualizados no Gráfico 2.

Gráfico 2. Número de visitantes durante os eventos do Rio de Janeiro.

Fonte: Turisrio (2004)



Além do Carnaval e Reveillon outros eventos como, férias de verão, provas de automobilismo e motociclismo, torneios esportivos, seminários e congressos, feiras e exposições, nacionais ou internacionais, em geral, contribuem para criar empregos permanentes, formais ou informais de toda a cadeia produtiva do Turismo, aí considerados hotéis, restaurantes, bares, casas de shows, bufês, empresas transportadoras, agências e operadoras de turismo. O Turismo de eventos conta uma vasta rede de infra-estrutura que compreende, entre outros, serviço receptivo, além de setores responsáveis pela produção e fornecimento de insumos, produção e montagem de estruturas para feiras e congressos, arquibancadas e arenas para eventos esportivos, segundo dados da Turisrio (2004). O Rio de Janeiro ocupa, atualmente, a 7ª colocação entre as cidades mais procuradas para a realização de congressos internacionais.

No entanto, o interior do Estado do Rio de Janeiro passou a ser descoberto pelos turistas a partir da década de noventa, salve-se raras exceções como é o caso de Búzios, internacionalmente conhecida.

O estado do Rio de Janeiro turisticamente pode ser percebido através

de suas regiões favorecendo assim que vários atrativos fossem agregados formando roteiros turísticos mais atraentes. As principais cidades das regiões encontram-se relacionadas no quadro 1.

Quadro 1. Regiões turísticas do Estado do Rio de Janeiro

Fonte: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado do Rio de Janeiro.

Regiões	Cidades
Agulhas Negras	Itatiaia, Penedo, Resende, Visconde de Mauá Porto Real e Quatis.
Baixada Fluminense	Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados, São João de Meriti, Seropédica.
Baixada Litorânea	Itaboraí, Rio Bonito, São Gonçalo, Silva Jardim e Tanguá.
Ciclo do Café	Barra do Piraí, Conservatória, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Miguel Pereira, Paracambi, Paty de Alferes, Piraí, Rio das Flores, Valença e Vassouras.
Costa Doce	Campos dos Goytacazes, Cardoso Moreira São Fidelis São Francisco do Itabapuaana e São João da Barra.
Costa do Sol	São Pedro da Aldeia, Carapebus, Iguaba Grande, Macaé, Quissamã, Araruama, Saquarema, Maricá, Arraial do Cabo, Barra de São João, Búzios, Cabo Frio, Rio das Ostras e Casimiro de Abreu
Costa Verde	Itacuruçá, Rio Claro, Angra dos Reis, Ilha Grande, Mangaratiba, Itaguaí e Paraty.
Metropolitana	Rio de Janeiro, Niterói e Paqueta.
Noroeste das Águas	Aperibé, Bom Jesus de Itabapoana, Cambuci, Italva, Itaocara, Itaperuna, Laje do Muriaé, Miracema, Natividade, Porciúncula, Raposo, Santo Antônio de Pádua, São José do Ubá, e Varre-sai.
Serra Norte	Bom Jardim, Cantagalo, Carmo, Conceição de Macabú, Cordeiro, Duas Barras, Macuco, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, Sumidouro e Trajano de Moraes.
Serra Tropical	Areal, Comendador Levy Gasparian, Paraíba do Sul, São José do Vale do Rio Preto, Sapucaia e Três Rios.
Serra Verde	Imperial Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Luminar, Cachoeiras de Macacu, Guapimirim e Itaipava e arredores.
Vale do Paraíba	Barra Mansa, Pinheiral e Volta Redonda.

De acordo com os cenários descritos, a capacitação da mão-de-obra necessária ao bom desenvolvimento das atividades turísticas faz-se extremamente necessária, tanto em nível técnico, quanto em nível superior.

O Rio de Janeiro foi o segundo estado brasileiro a ter um curso superior de Turismo, isto aconteceu no ano de 1972, na Universidade Católica de Petrópolis³ (UCP), através de autorização concedida pelo Conselho Superior da Instituição nº 08 do dia 21/08/1971 e publicado no dia 21/08/1971. O reconhecimento ocorreu em 1975, pelo decreto nº 76952 de 30/12/75, publicado no DOU em 31/12/75, oferecendo vagas no

turno da noite. A criação do curso aconteceu através de uma parceria entre a instituição e a Universidad Autonoma de Guadalajara e dentro desta parceria a UCP recebeu uma professora, Rosa Maria de La Fuente, responsável pelas disciplinas de Administração Hoteleira e Alimentos e Bebidas. No ano seguinte ao início do curso foi criado o Centro de Pesquisas Turísticas (CEPETUR) que era responsável por reunir dados, publicações e informações em geral que serviam de apoio aos alunos, a comunidade acadêmica e trade. Em 1978 o CEPETUR, segundo relato de sua então coordenadora⁴ iniciou a publicação de um boletim, com tiragem de 3.000 exemplares, que eram distribuídos para instituições de ensino, entidades de classe, empresas e órgãos públicos, constando informações sobre eventos, entrevistas e dados relevantes ao setor, servindo como importante veículo de disseminação de informação. Em 1982 o curso deixou de ser oferecido reafirmando a situação nacional de estagnação dos

cursos de Turismo e econômica que o país passava. Em 2000, através de um dos projetos que constam do Plano Imperial - Plano Diretor de Turismo de Petrópolis (1998) para qualificação da mão-de-obra, o curso torna a ser oferecido onde já formou duas turmas.

O segundo curso foi criado na Universidade Estácio de Sá⁵, oriundo da Faculdade de Turismo da Guanabara, iniciou suas atividades nas então Faculdades Integradas Estácio de Sá, no ano de 1978, no campus Rebouças, no bairro do Rio Comprido, oferecendo vagas no turno da manhã e da noite. Seu ato de autorização data de 1973, através do Decreto nº 72.586 de 09/08/73, publicado no DOU de 10/08/73. O reconhecimento ocorreu em 1978, pelo

³Dados fornecidos pela coordenação do curso.

⁴Profª Turª Evany Rita Noel de Carvalho

⁵Dados retirados do site <http://www.estacio.br> acessado em: 03/12/2004.

decreto nº 81.936 de 11/07/78, publicado no DOU de 12/07/78.

A distribuição, atual dos cursos no estado não apresenta-se de maneira uniforme, pois estes encontram-se condensados na região metropolitana com a oferta de 20 cursos e assim distribuídos nas outras regiões turísticas: Serra Verde Imperial com 2; Costa do Sol com 2; Baixada Litorânea com 1 e Vale do Paraíba também com 1. Este aspecto pode ser um fator prejudicial a turistificação das regiões assim como a prestação de serviços no sistema turístico.

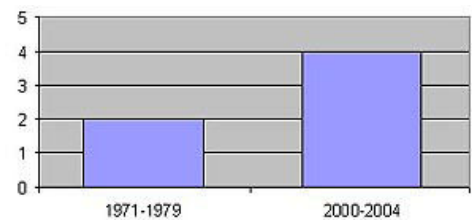
Resultados e discussão

Em seguida estão congregados os dados obtidos através de entrevistas pessoais com coordenadores de curso, de maneira a obter respostas aos questionamentos apresentados na pesquisa. A análise divide-se em quatro partes compostas pela coordenação do curso; a instituição; a construção curricular e pelo corpo docente. A divisão por partes está baseada em Masetto (2003, p. 19) quando afirma que "percebemos as mudanças no ensino superior em quatro pontos: no processo de ensino, no incentivo a pesquisa, na parceria e co-participação entre professor e aluno no processo de aprendizagem e no perfil docente."

Além das partes decompostas no questionário, os coordenadores foram indagados sobre o ano de início do curso de Turismo, pois, como apontado anteriormente, estando conscientes que a implantação dos cursos de Turismo no Brasil teve início na década de 70, passou por um período de estagnação na década de 80 e, na década de 90 até nossos dias, o número vem aumentando como verificamos no Gráfico 3 a seguir. Observa-se, através da amostra, que nenhum curso foi implementado nas décadas de 80 e 90 no estado, afirmando o exposto:

Gráfico 3. Início dos cursos de Turismo

Fonte: O próprio auto



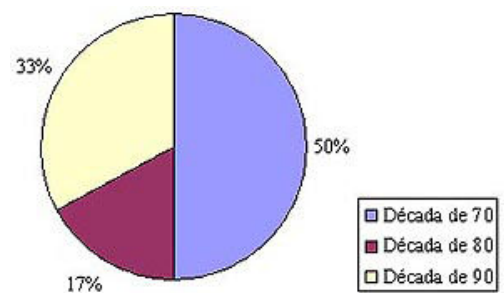
Questionou-se acerca da carga horária total, pois, durante o período da pesquisa este critério estava sendo analisado pelo Conselho Nacional de Educação - CNE. Para efeito da pesquisa solicitamos, via e-mail, resposta do Presidente da ABBTUR Nacional, Sr. Noslin, que reafirmou que "o curso deveria ter uma carga horária mínima de 3.000 horas". Uma das instituições havia modificado a grade curricular reduzindo a carga horária para 2.640, não atendendo, assim, a carga horária mínima exigida pelo CNE.

Coordenadores

Na primeira parte da pesquisa, a que diz respeito à formação dos coordenadores, observou-se que 83% são turismólogos, atendendo a sugestão das Diretrizes Curriculares do MEC para o curso de Turismo, sendo, do total 50% formados na década de 70 - início do curso de Turismo no Brasil; 17% na década de 80 e 33% na década de 90 quando acontece o boom de cursos em todo país. Somente um dos entrevistados, turismólogo, possui o título de mestre.

Gráfico 4. Graduação dos coordenadores.

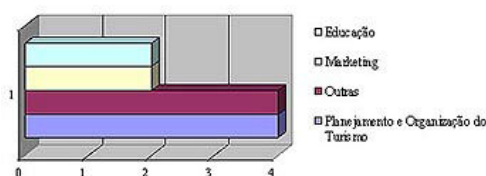
Fonte: O próprio autor



Apenas 33% são pós-graduados em Turismo realizando, assim, sua formação de maneira linear. Outras áreas afins, apresentadas como as mais relevantes, em que tais profissionais se habilitaram foram a de Planejamento e Organização em Turismo, a de Educação e a de Marketing, como evidencia o gráfico a seguir.

Gráfico 5. Áreas de pós-graduação.

Fonte: O próprio autor



Apesar de 50% dos coordenadores terem se graduado na década de 70 e anteriores, o ingresso na educação em Turismo, deu-se entre os anos de 1996 e 2001, para 67%, sendo do total 50% em cursos livres e técnicos; e os 50% restantes tiveram seu ingresso diretamente por meio da educação superior. Vale ressaltar que se considera que tenham tido experiência de mercado anterior ao ingresso no magistério.

Passaram à coordenação de curso, entre os anos de 2001 e 2003, 83% dos entrevistados, demonstrando que ao assumirem a coordenação tinham pouco tempo de experiência em Instituições de Ensino Superior, uma vez que somente 33% dos coordenadores haviam tido experiência anterior, como coordenadores em cursos técnicos. Quando questionados a respeito das dificuldades encontradas no exercício da função, um, representando 17%, apontou que "a maior dificuldade foi não ter tido nenhum tipo de experiência anterior, não ter tido acesso à bibliografia sobre o assunto" (IES E), confirmando o anteriormente exposto.

A carga horária disponibilizada para a

coordenação está entre 15 e 30 horas, sendo tempo razoável para realizar as funções de coordenador que é a de funcionar como elo entre a instituição, alunos e professores. Porém, consideram ainda ser um tempo reduzido, já que 100% dos entrevistados exercem a magistratura concomitantemente à coordenação. Reclamam de não sobrar tempo para dedicarem-se às funções de professor.

Cinco coordenadores, 83%, informaram ter outra atividade fora do âmbito da educação, exercendo funções como consultoria, funções em associações de classe e órgãos oficiais de Turismo, sendo interessante a troca de informações com o mercado.

Com relação às dificuldades encontradas no magistério, 83% dizem ter relação, também, com o perfil do aluno, seu comprometimento e expectativas com relação ao curso e, também, ao acesso a informações e bibliografia. As dificuldades encontradas relativas ao relacionamento docente/aluno poderiam ser amenizadas se os professores tivessem tido acesso, durante seu processo de formação, às disciplinas pedagógicas de formação docente que tratam sobre este assunto, preparando-os para situações comuns ao cotidiano educacional.

Quando questionados sobre terem tido acesso às disciplinas de formação docente durante a graduação, 67% não tiveram; 67% tiveram durante os cursos de pós-graduação, fato que confirma nossa colocação no que diz respeito à formação didática, respaldada por Masetto (2003, p. 13) quando diz que

só recentemente os professores universitários começaram a se conscientizar de que seu papel de docente do ensino superior, como o exercício de qualquer profissão, exige capacitação própria e específica que não se restringe a ter um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre ou

doutor, ou ainda apenas o exercício de uma profissão. Exige isso tudo, e competência pedagógica, pois ele é um educador.

Sobre a opinião dos coordenadores quanto aos parâmetros de qualidade instituídos pelo MEC quando da avaliação e reconhecimento de cursos, as respostas seguem a mesma linha de raciocínio. Um dos entrevistados considera que "devam sofrer alterações, pois os objetivos são bons, mas deveriam valorizar mais a experiência de mercado do corpo docente já que no Turismo devemos sempre relacionar teoria e prática" (IES C). Por outro prisma Masetto (2003, p. 11) argumenta que existe "(...) a crença de que 'quem sabe, sabe ensinar'" pelo simples fato de ter experiência de mercado, não sendo esta a realidade em sala de aula, necessitando que este docente passe por um processo de formação pedagógica.

A pergunta seguinte refere-se ao TEDQUAL, programa elaborado pela OMT com o propósito de estabelecer padrões de qualidade para educação e treinamento em Turismo. Foi possível verificar que 67% dos entrevistados não tinham conhecimento do programa, demonstrando, assim, estarem desatualizados com relação aos programas desenvolvidos na área. Os 33% restantes conheciam o programa manifestando que apresentaram a proposta para suas instituições, porém estas não tiveram nenhum interesse em adotar este programa.

A Instituição

A intenção neste tópico foi de avaliar o quanto às instituições se preocupam com a capacitação do seu corpo docente aliada à qualidade de ensino. Considerando, como exposto anteriormente, que o corpo docente seja insumo importante, no sistema de ensino, co-responsável pela qualidade.

Quando questionados sobre programas de avaliação interna e externa

tendo como indicadores o desempenho dos alunos; dos professores e a absorção dos egressos no mercado de trabalho, 63% responderam que a instituição possui programa de avaliação de qualidade e 17%, dos que responderam positivamente, afirmaram que a avaliação externa acontece pontualmente sendo realizada de forma empírica.

As respostas obtidas demonstram o antes exposto, afirmando que não existe avaliação após o processo, ou seja, do resultado final. Assim não é possível identificar falhas no processo após a conclusão. Isto demonstra não estarem em constante processo de avaliação, ou seja, utilizando o PDCA como ferramenta.

Questionamos sobre o acesso da instituição aos periódicos disponibilizados pela CAPES em site específico e apenas uma instituição possui acesso. Desta forma os docentes não têm acesso aos periódicos internacionais como o *Annals of Tourism Research*, *Tourism Management*, *Hospitality Management* e outros que oferecem uma visão ampla do estado da arte⁶ na área de Turismo.

Com relação a convênios com o trade turístico apenas uma afirmou não terem este tipo de relação com o mercado. Ruschmann (2002, p. 23) considera

[...] que a integração entre as empresas do setor e os cursos de Turismo é fundamental para a capacitação adequada dos alunos para um exercício profissional apropriado. As escolas propiciam os conhecimentos básicos (acadêmicos) e o conhecimento dos aspectos teóricos específicos da atividade turística. Já as empresas colaborariam com os práticos (técnicos), participando de seminários, palestras e depoimentos nas instituições de ensino.

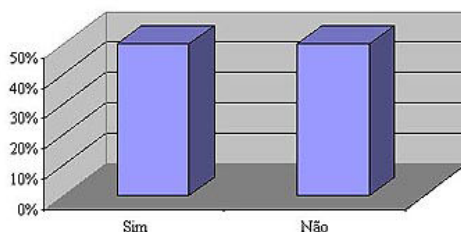
Quando questionados acerca de programas de incentivo a docência e a pesquisa, direcionados aos discentes, os

⁶Por estado da arte entende-se o conhecimento atual em um determinado campo, aceito pela sua comunidade científica.

resultados foram os seguintes:

Gráfico 6. Prática de programas de monitoria executados pelas IES

Fonte: O próprio autor



A monitoria é considerada uma das formas de iniciação à docência; um processo onde o aluno acompanha o professor e é orientado em questões de elaboração do plano de ensino, do plano de aula, das técnicas de avaliação, etc. As instituições que não oferecem este tipo de programa não se enxergam como mercado, pois não preparam um futuro professor para ser absorvido por ela mesma ou por outras instituições de ensino e como demonstra a figura acima 50% não oferecem este tipo de programa.

Com relação à iniciação a pesquisa científica, todas as instituições oferecem este tipo de programa, inclusive três instituições oferecem bolsa de estudos para os alunos e remuneração aos professores. Sobre este aspecto Rejowski e Carneiro (2003, p. 194) acrescentam que “[...] a formação e o aperfeiçoamento acadêmicos distinguem-se da formação profissionalizante, principalmente na relação existente entre o ensino e a pesquisa (grifo nosso)”. Mas, vale ressaltar que, somente professores mestres ou doutores podem ser candidatos ao programa e, no caso do Turismo, como são poucos os turismólogos titulados os programas contam com professores de áreas afins para conduzi-los. Considera-se este aspecto extremamente importante, pois, o foco da graduação em Turismo é o estudo do fenômeno turístico.

Verificou-se, também, se as instituições

possuem programas de capacitação docente e constatou-se que todas possuem algum tipo de incentivo à capacitação, porém alguns coordenadores não souberam responder que tipo. Para Dencker (2002, p. 69) o

professor universitário é carente de tempo e de recursos materiais para promover a sua reciclagem e atualização, o que torna necessário o estabelecimento de políticas viabilizantes para a adequada formação do docente na busca de um melhor índice de qualidade por parte das universidades.

Considera-se a participação em eventos assim como Rejowski e Carneiro (2003, p. 193) ser uma modalidade de formação onde Rejowski (1996, p. 37) acrescenta ser o “[...] agente que provoca mudança no pensamento turístico [...]”, ou seja, capacitação, e verificou-se se as instituições auxiliam, de alguma forma, aos docentes na participação nos mesmos. Duas instituições não auxiliam de forma alguma a participação, outras vincularam a apresentação de trabalhos científicos e outras auxiliam somente com recurso financeiro, como ajuda no bilhete de passagem.

Questionados sobre o incentivo à produção científica, no plano de cargos e salários, e somente duas instituições responderam afirmativamente. Sobre este assunto Dencker (2002, p. 69) argumenta que

face à situação econômica vigente no País, os professores encontram severas dificuldades para atender às exigências de habilitação, horas de dedicação à pesquisa e produção intelectual, principalmente no caso de docentes que atuam em universidades particulares nas quais os planos de carreira não são estabelecidos.

Finaliza-se este tópico citando Masetto (2003, p. 24) onde o autor questiona “como

poderia o docente motivar o aluno a se iniciar na pesquisa, se ele mesmo - professor - não pesquisar e não valorizar a pesquisa? O aprendiz exige profunda coerência entre o que o seu professor exige e o que faz".

Construção Curricular

[...] currículo é um conjunto de conhecimentos, de saberes, competências, habilidades, experiências, vivências e valores que os alunos precisam adquirir e desenvolver, de maneira integrada e explícita, mediante práticas e atividades de ensino e de situações de aprendizagem. (MASETTO, 2003, p. 67)

Neste tópico abordou-se a construção curricular considerando fazer esta parte do processo de aprendizagem. Para tanto, questionou-se sobre a construção em si e suas relações com o mercado, pois para Dencker (2002, p. 46) "o ensino não pode alienar-se da realidade na qual está inserido."

Com relação à influência do mercado na construção da grade curricular: 83% responderam que influencia diretamente; 83% tentam atender; 17% disse que a proposta do curso é "pensar o Turismo e por este motivo não devem estar atrelados às necessidades do mercado" (IES C); 100% responderam que a responsabilidade pela construção da grade é atribuição da coordenação e equipe de professores.

Faz-se de extrema importância a participação dos docentes na construção curricular, pois segundo Masetto (2003, p. 72) "concebe-se o professor como um mediador decisivo entre o currículo estabelecido e os alunos, um agente ativo no desenvolvimento curricular." Neste ponto acrescentou-se a questão da frequência em que a grade é reformulada e foi apurado que dá-se em média de dois em dois anos. Também em Masetto (Idid, p. 15) encontrou-se apoio quando este considera que

o ensino superior não pode deixar de rever seus currículos de formação dos profissionais, não pode também querer revê-los apenas com a visão dos especialistas da instituição (os professores). Há necessidade de a Universidade sair de si mesma, arejar-se com o ar da sociedade em mudança e das necessidades da sociedade, e então voltar para discutir com seus especialistas as mudanças curriculares exigidas e compatíveis com seus princípios educacionais.

Com relação à implementação de projetos interdisciplinares, questionou-se sobre sua existência e, em caso afirmativo, como tem sido a execução. Cinco instituições possuem projetos interdisciplinares⁷ e três consideram difícil a execução por razões como disponibilidade do corpo docente e aplicação dos conceitos referentes a cada disciplina.

Sobre a proposta de implantação de projetos interdisciplinares Dencker (2002, p. 74) expõe que

a proposta centra-se na realização de projetos conjuntos de pesquisa que reúnem o referencial teórico das diferentes disciplinas para dar fundamento às pesquisas de campo e análise de dados[...] a idéia é trabalhar a produção do conhecimento juntamente com o aluno, envolvendo todos os professores dentro de uma perspectiva crítica que estimule a reflexão. A universidade é o espaço de produção do conhecimento e não de simples reprodução.

E ainda,

sendo um objeto de estudo, o turismo, para que seja entendido em sua complexidade, necessita efetuar a síntese da teoria produzida nas diferentes áreas do conhecimento em que é estudante. A abordagem interdisciplinar, neste caso, é especialmente indicada, uma vez que se trata de uma área técnica cuja abordagem deve obedecer a

⁷ "A interdisciplinaridade surgiu nos anos 70 como resposta às necessidades de uma abordagem mais integradora da realidade". (DENCKER, 2002, p. 19)

princípios do método científico, buscando compatibilizar as diferentes disciplinas envolvidas. Paralelamente, sente-se a necessidade de métodos e técnicas de pesquisa e análise que permitam a construção de uma teoria científica abrangente da área. (idid, p. 85)

Foi questionada a existência de alguma disciplina para formação docente e 83% das instituições não oferecem, mas, 17% colocam à disposição através de outros institutos dentro da universidade, ainda assim, nenhuma direcionada para o ensino em Turismo.

Reafirma-se a posição de que a Instituição não se percebe como mercado, a partir do momento em que não oferece disciplinas que capacitem futuros profissionais docentes para suas próprias instituições. No Turismo, entende-se como mercado somente as empresas e os órgãos oficiais de Turismo, desviando o foco da docência, fator de qualidade para o ensino na área que possui grande demanda como colocado anteriormente.

Sobre o tipo de trabalho de conclusão de curso (TCC), três indicaram a monografia; duas a elaboração de um projeto e uma permite a opção de escolha entre monografia e projeto. A monografia como trabalho de conclusão de curso possibilita ao aluno refletir acerca das disciplinas que envolvem o curso quando opta por um determinado assunto. Permite, também, a reflexão sobre o estado da arte e o induz a um olhar crítico sobre o assunto abordado. A contribuição de um trabalho monográfico, para o estudo do Turismo, é de extrema valia possibilitando e incentivando a produção de conhecimento acadêmico.

Corpo Docente

Pesquisou-se o corpo docente e alguns aspectos importantes para a qualidade do ensino; buscando informações somente dos

docentes turismólogos que lecionam nas instituições pesquisadas. Levantou-se um total de 27 docentes, conforme Quadro 2.

Quadro 2. Titulação do corpo docente

Fonte: O próprio aut

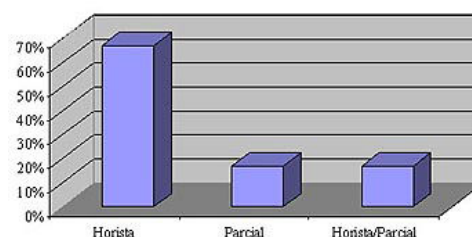
Titulação	Quantidade	%
Graduação	4	14,81
Especialização	20	74,08
Mestrado	3	11,11
Doutorado	0	0
Total	27	100

Com relação a este item Cooper (1992) afirma que "quanto maior a titulação menor é a experiência de mercado por se dedicarem à qualificação acadêmica" ponto de divergência quanto aos parâmetros do MEC que valorizam a titulação. Sobre a questão da aderência, ou seja, que os docentes tenham experiência de mercado relacionada à disciplina que lecionam, foram unânimes em responder 'sim', atendendo as sugestões das Diretrizes do MEC, fator importante no caso do Turismo porque possibilita unir teoria e prática através de experiência no mercado.

Dos 27 docentes entrevistados, somente 11% possuem dedicação parcial e 89% são horistas, como pode ser visto no gráfico 7.

Gráfico 7. Tipo de dedicação do corpo docente.

Fonte: O próprio autor



Este é um fator que poderia ser revisto pelas instituições já que os professores horistas não têm compromisso efetivo, por conseguinte, não se dedicam às pesquisas ou mesmo ao atendimento aos alunos. A pesquisa realizada por Cooper (1992), para um de seus artigos, complementa o quadro, pois, traça o perfil do educador em Turismo, salientando que "a dificuldade..." está "... em se contratar professores com bases sólidas" aponta, ainda, que "os mesmos têm uma dedicação parcial prejudicando a qualidade do ensino." Dencker (2002, p. 69) acrescenta que "promover vínculos de estabilidade do professor com a universidade possibilita ao docente planejar e desenvolver um trabalho de longo prazo."

O processo de seleção de docentes constitui-se em fator chave para a qualidade e as instituições utilizam os seguintes critérios: três aplicam prova aula além de entrevista e análise de currículo; três selecionam através de entrevista e prova aula; e duas utilizam os critérios já mencionados adicionando a prova escrita. Masetto acrescenta que devemos

em primeiro lugar refletir sobre a estrutura organizativa do ensino superior no Brasil, que desde seu início (e até hoje...) sempre privilegiou o domínio de conhecimentos e experiências profissionais como únicos requisitos para a docência nos cursos superiores. (Masetto, 2003, p. 11)

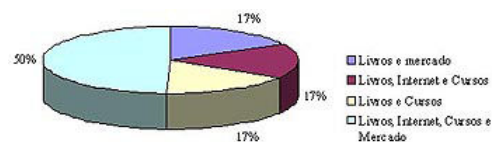
Teixeira (2000, p. 28), ainda acrescenta que na Inglaterra os "professores recém-contratados têm geralmente um professor mentor com maior experiência para orientá-los". Esta seria uma solução para problemas eventuais com novos professores.

A atualização do corpo docente é feita de forma independente através de livros e cursos 17%; outros 17% buscam em livros e mercado; os seguintes 17% por meio de livros, internet e cursos. Os 50% últimos utilizam-se

de todos os itens citados no Gráfico 8:

Gráfico 8. Formas de atualização do corpo docente.

Fonte: O próprio autor



Sobre este aspecto Masetto (2003, p. 14) afirma que

o papel do professor como apenas repassador de informações atualizadas está no seu limite, uma vez que diariamente estamos sujeitos a sermos surpreendidos com informações novas de que dispõem nossos alunos, as quais nem sempre temos a oportunidade de ver inúmeros sites existentes na internet.

Além disso, para Rejowski e Carneiro (2003, p. 190)

o turismo relaciona-se às mudanças globais num mundo em constante transformação, em que a ordem altera-se rapidamente em desordem, e o avanço da tecnologia e a facilidade de acesso à informação impõem constante atualização, flexibilidade e rápida adaptação perante essa realidade.

Salientamos que o papel do educador vai além de seu tempo de dedicação à instituição, do processo de seleção, ou seja, do aspecto burocrático, pois,

algumas pesquisas nos dizem (e podemos testar isso conosco mesmos) que os professores que nos marcaram para o resto de nossas vidas, além de serem competentes em suas áreas de conhecimento, foram aqueles que incentivaram a pesquisa; abriram nossas cabeças para outros campos, outras ciências, outras visões de mundo; nos ajudaram a aprender a ser críticos, criativos, exploradores da imaginação; manifestaram respeito

aos alunos, interesse e preocupação por eles, disponibilidade em atendê-los, resolver-lhes as dúvidas, orientá-los em decisões profissionais; demonstraram honestidade intelectual; coerência entre o discurso de aula e sua ação, amizade; enfim, aspectos marcantes relacionados a convivência humana em aula. (Masetto, 2003, p. 66 e 67)

Abriu-se, aos coordenadores, para que estes acrescentassem observações acerca do questionado e o objeto do estudo. Descrevem-se, a seguir, algumas colocações: "Gostaria de sugerir que se abra espaço para estágios em docência" (IES E); "Deveria existir um maior incentivo à pesquisa, pois o turismo representa apenas 0,1% das pesquisas cadastradas na Plataforma Lattes. Isto é reflexo dos cursos terem seu foco mais voltado para o operacional" (IES A); "Acredito que uma melhor formação docente e integração dos mesmos são fatores-chave para um melhor desempenho do curso" (IES C); "Por todos os fatores devemos cuidar com mais carinho da formação" (IES D); "Haja mais espaço de docentes do turismo no MEC/ CAPES e que estes sejam mais abertos ao debate. Outro aspecto diz respeito a padrões de qualidade equivocados. Nos falta buscar canais corretos. (IES F)".

Finalizando o exposto concluiu-se que a qualidade do ensino passa pela qualidade e capacitação de seus educadores e estes possuem um papel importante ao qualificar mão-de-obra para o Turismo. E que desta forma estarão contribuindo efetivamente para a competitividade do setor.

Considerações Finais

Conforme apresentou-se, o Turismo é um setor com grandes possibilidades de competir com mercados internacionais,

porém deve-se tomar como estratégia a qualificação profissional. A qualidade dos serviços prestados está diretamente ligada à qualidade da formação de recursos humanos para o setor.

As IES, tanto públicas quanto privadas, têm um papel primordial na formação de recursos humanos. A necessidade de buscar, junto ao mercado, as competências exigidas se faz um imperativo para que o egresso tenha melhores condições de ser absorvido pelo mesmo. Como se pode observar, as instituições buscam informações com o mercado e se relacionam através de parcerias para diminuir os gaps muitas vezes apresentados pela falta de estrutura física no que se refere a laboratórios. Porém, quando referindo-se a ela própria, como futura oportunidade de mercado de trabalho, estas não se consideram como tal, pois pelo que observou-se não oferecem condições para preparar seus alunos para a docência.

Com relação aos docentes presentes nas instituições, as condições de trabalho são muitas vezes prejudicadas pelo regime de dedicação como nos mostrou a pesquisa. Os docentes horistas não têm a possibilidade de maior envolvimento com os alunos prejudicando a formação como um todo. A questão da titulação nos parece um dos grandes problemas enfrentados hoje nos cursos de Turismo. A falta de condições para se adequar às exigências do MEC quanto à titulação impactam, também, nas pesquisas e conseqüentemente na construção de conhecimento.

Quanto à atualização do corpo docente, esta tem sido feita de forma particular e muitas vezes com recursos próprios. Talvez pelo tipo de dedicação da maioria dos docentes as Instituições não têm investido na atualização impactando na qualidade das informações passadas aos alunos.

Quanto às questões didáticas, ao nosso ver, o ensino do Turismo, em seus diferentes níveis, precisaria muito mais do que um mero profissional habilitado a lecionar, mas sim um educador com formação estruturada para tal fim, tendo plena consciência da multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade⁸ necessária no entendimento deste fenômeno. Faz-se necessária a coerção entre a teoria e a prática no ensino do Turismo, entre outras qualidades ausentes em muitos dos docentes no ensino do Turismo.

Além disso, considera-se fundamental para qualquer educador, não se limitando apenas aos do Turismo, o conhecimento de princípios básicos de pedagogia. Muitos professores entram em sala sem conhecer métodos e técnicas educacionais, princípios de didática, princípios de filosofia e psicologia educacionais, assim como novas tendências educacionais, entre outras. A licenciatura obrigatória aos educadores do ensino técnico não deve ser encarada como uma imposição autoritária governamental, mas sim como verdadeira carência de capacitação dos professores do ensino de hoje, não se limitando apenas ao ensino técnico.

Buscou-se identificar se as instituições possuem sistemas de avaliação interna com relação ao desempenho dos alunos, professor-aluno, professor e instituição. As que apresentaram ter um sistema, não nos informaram qual seriam estes e como se dava a melhoria nos resultados, e alguns coordenadores não nos responderam. Ao que nos parece não tem sido dada a devida atenção à qualidade no ensino. Quanto à avaliação externa, para saber se o egresso tem sido absorvido pelo mercado de trabalho, esta parece ser utopia, pois nenhuma das instituições realiza este tipo de avaliação.

A partir deste trabalho tivemos a

oportunidade de refletir sobre a formação e capacitação de docentes na área de Turismo. Observou-se ser este um mercado em expansão e a necessidade de recursos humanos qualificados um imperativo para tornar o país competitivo.

Referências bibliográficas

- AMORIM, Clezio Gontijo. Modelo sistêmico de formação e capacitação de recursos humanos no turismo como estratégia de mercado e fator competitivo. In: REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer (Orgs.). Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão. São Paulo: Atlas, 2003.
- ANDRADE, José Vicente de. Turismo: fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 1992.
- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARBOSA, Eduardo Fernandes et. al. Gerência da qualidade total na educação. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Engenharia, Fundação Cristiano Ottoni, 1994.
- BENI, Mario Carlos. Análise Estrutural do Turismo. 3. ed revisada e ampliada. São Paulo: SENAC, 2000.
- BRASIL. Portaria nº 1.518 de junho de 2000. Comissão de especialistas. publicada Diário Oficial da União do dia 16 de junho de 2000, seção 2. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 21 out. 2004.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares de Turismo e Hotelaria. MEC. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 21 out. 2004.
- BRASIL. Decreto n.º 2.208 de 17 de abril de 1997. MEC. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 21 out. 2004.

⁸Para Trigo (1998, p. 159) significa "... algo além das disciplinas em si."

- BROKI, Vera Lúcia; LORENTE, Francisco Julio Batle; SCHIMER, Marlene. Desenvolvimento curricular em gestão turística - com enfoque de mercado - um case do estado do Rio Grande do Sul. In: I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2003. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2003. CD-ROM.
- CATRAMBY, Teresa C. V.; DAIBERT, André B.. Reflexões sobre uma licenciatura específica para o Turismo. Disponível em: <<http://www.estudoturísticos.com.br>>. Acesso em: 20 fev. 2004.
- CATRAMBY, Teresa C. V. Capacitação docente como fator de qualidade para o setor de educação em Turismo e Hospitalidade. VIII Encontro nacional de Turismo com Base Local, 2004. Anais... Curitiba: UFPR, 2004. CD-ROM.
- COOPER, Chris; SHEPERD, Rebecca; WESTLAKE, John. Tourism and Hospitality Education. Guilford, Reino Unido: The University of Surrey, 1994.
- COOPER, Chris et al. Turismo: princípios e práticas. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001a.
- COOPER, Chris et al. Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade. Tradução de Rosemary Neves de Sales Dias, Cíntia Kaori Yokota, Laura Martins Arnstein. São Paulo: Roca, 2001b.
- COOPER, Chris; SMITH, Ginger. Competitive Approaches to Tourism and Hospitality Curriculum Design. Journal of Travel Research, Vol. 39, August 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- COOPER, Chris; SCALES Robert; Westlake, John. The anatomy of tourism and hospitality educators in the UK. Tourism Management, Junho, 1992. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- CORTEZI, Antonio Afonso; CLÉZIO, Antonio Lara; OLIVEIRA, Paulo de Tarso. Os desafios do ensino de Turismo sob o ponto de vista do perfil exigido para o acadêmico. In: I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2003. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2003. CD-ROM.
- DENCKER, Ada de Freitas Manefi. Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo. São Paulo. Aleph, 2002.
- DIAS, Franciane M. R. Gestão do ensino superior em turismo : uma proposta interdisciplinar. In: I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2003. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2003. CD-ROM.
- ECHTNER, Charlotte M.; JAMAL, Tazim B. The disciplinary dilemma of tourism studies. Annals of Tourism Research, Vol. 24, No. 4, 1997. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- FAYOS-SOLÁ, Eduardo (Org.). An introduction to TEDQUAL: methodology for quality in tourism education and training. Madri: Organização Mundial do Turismo, 1997.
- FERREIRA, Renata Brauner; MÜLLER, Dalila; HALLAL, Dalila Rosa. Bacharelado em Turismo: algumas inquietações. In: I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2003. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2003. CD-ROM.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOELDNER, Charles; RITCHIE, J. R. Brent; McINTOSH, Robert. Turismo: princípios, práticas e filosofias. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.
- JAFARI, Jafar; RITCHIE, J. R. Brent. Toward a framework for tourism education: problems and prospects. Annals of Tourism Research, Menomonie, 1981. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.

- JAFARI, Jafar et al. New Horizons in Tourism Hospitality Education. *Annals of Tourism Research*, Menomonee, 1991. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. *Economia do Turismo*. 7. ed revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001.
- LAVERY, P. Careers in tourism. *Tourism Management*, June 1988. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- LEAL, Sergio Rodrigues; BARBOSA, José Gustavo Braz. Um Estudo de Caso do Desenvolvimento da Carreira Profissional de Bacharéis em Turismo. In: I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2003. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2003. CD-ROM.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES. Lei nº 9.394. Brasília, 20 de dezembro de 1996.
- LEIPER, Neil. An Emerging Discipline, *Annals of Tourism Research*, Vol. 27, No. 3, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- LEIPER, Nell. Towards a cohesive curriculum in tourism The Case for a Distinct discipline. *Annals of Tourism Research*, Menomonee, 1981. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- LEMOS, Ângela Denise da Cunha. A sociedade, as teorias educacionais, o ensino do turismo e o papel do bacharel em turismo. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S. B. (Orgs.). *Currículo e formação profissional nos cursos de turismo*. Campinas: Papirus, 2002.
- MASSETTO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.
- MARSHALL JUNIOR et al.(Org.). *Gestão da Qualidade*. Rio de Janeiro: Editota FGV, 2003.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1986.
- MATIAS, Marlene. *Turismo formação e profissionalização*. São Paulo: Manole, 2002.
- MCINTOSH, Robert W.; WALTHER, Carl. Teaching Tourism in Four-Year Degree Program. *Annals of Tourism Research*, Menomonee, 1981. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- MCINTOSH, Robert W. A model university curriculum in Tourism. *Tourism Management*, June 1983. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- MEZOMO, João C. *Qualidade nas instituições de ensino: apoiando a qualidade total*. São Paulo: CEDAS, 1993.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *Manual de orientação para verificação "in loco" das condições de autorização*. MEC. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 21 out. 2004.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *Manual de orientação para verificação "in loco" das condições de reconhecimento*. MEC. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 21 out. 2004.
- MONTEJANO, Jordi Montaner. *Estrutura do mercado turístico*. 2. ed. São Paulo: Roca, 2001.
- MOTA, Keila Cristina N.. A certificação é a solução? A política de qualificação profissional dentro do pano nacional de turismo. Disponível em: <<http://www.estudoturísticos.com.br>>. Acesso em: 4 fev. 2004.
- MURPHY, Peter. Tourism proposal for a Social Science Curriculum. *Annals of Tourism Research*, Menomonee, 1981. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- NICOLAU, Roselena. *Certificação profissional*

- é adotada pelo setor de turismo. Disponível em: <<http://www.estudoturísticos.com.br>>. Acesso em: 04 abr. 2004.
- OMT. WTO News. 1º trimestre 2004. <<http://www.wto.org.br>>. Acesso em: 28 mar. 2004.
- PAIXÃO, Dario Luiz Dias; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves; LUQUE, Otto. Empregabilidade dos recursos humanos nas empresas turísticas: uma análise das qualidades exigidas ao bacharel em turismo e/ou hotelaria pelo mercado hoteleiro da cidade de Curitiba. In: I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2003. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2003. CD-ROM.
- PERRENOUD, Philippe. Construir as competências deste a escola. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- POLLOCK, Ann; RITCHIE, J.R. Brent. Integrated Strategy for Tourism Education/Training. *Annals of Tourism Research*, Vol. 17, 1990. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- REJOWSKI, Mirian. Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional X situação brasileira. Campinas: Papirus, 1996.
- REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer (Orgs.). Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão. São Paulo: Atlas, 2003.
- REJOWSKI, Mirian; CARNEIRO, Janaina Britto. Formação e capacitação de recursos humanos em turismo. In: REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer (Orgs.). Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão. São Paulo: Atlas, 2003.
- RYAN, Chris. Tourism courses: a new concern for new times? *Tourism Management*, Vol. 16, No. 2, 1995. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- RODRIGUES, Jarlene. A situação do Ensino Superior em Turismo no Brasil. In: BAHL, Miguel. Mercado turístico: áreas de atuação. São Paulo: Roca, 2003.
- RUSCHMANN, Doris V. de Menne. Marketing turístico: um enfoque promocional. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. Turismo no Brasil: análise e tendências. São Paulo: Manole, 2002.
- SANCHO, Amparo (Org.). Introdução ao turismo. Tradução de Dolores Martin Rodriguez Corner. São Paulo: Roca, 2001.
- SHELDON, Pauline J. Professionalism in Tourism and Hospitality. *Annals of Tourism Research*, Vol. 16, 1989. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S. B. (Orgs.). Currículo e formação profissional nos cursos de turismo. Campinas: Papirus, 2002.
- SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S. B. Formação profissional nos cursos de turismo do Brasil: algumas reflexões à luz da LDB/96 e das diretrizes curriculares para os cursos de graduação. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S. B. (Orgs.). Currículo e formação profissional nos cursos de turismo. Campinas: Papirus, 2002.
- SPINELLI, Sara M. A importância da formação profissional em turismo. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S. B. (Orgs.). Currículo e formação profissional nos cursos de turismo. Campinas: Papirus, 2002.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TEIXEIRA, Rivanda Meira. Ensino superior em turismo e hotelaria no Brasil: um estudo exploratório. In: Turismo em Análise. São Paulo: ECA/USP, v. 12, n. 2, nov. 2001, p. 7-30.
- TEIXEIRA, Rivanda; FLETCHER, John; WESTLAKE, John. Ensino superior em turismo: experiência do Reino Unido. In: Turismo em

- análise. São Paulo: ECA-USP, v. 11, n. 2, 2000, p. 28.
- THOMAS, Rhodri; HARRIS, Vicky. Exploring connections between teaching and researching Hospitality Management, 20, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- TIBONI, Conceição G. R.. Estatística básica para o curso de turismo. São Paulo: Atlas, 2002.
- TINEU, Rogério. Reflexões sobre a problemática do ensino superior de turismo no Brasil. Disponível em: <<http://www.estudoturísticos.com.br>>. Acesso em: 04 abr. 2004.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A importância da educação para o turismo. In: LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar (Orgs.). Turismo: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.
- _____. A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1998.
- _____. (Org.). Turismo: como aprender, como ensinar. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2001. Vol. 1.
- _____. Importância dos cursos de turismo. Jornal Brasilturis, [S.l.], p. 20-21, 2. quin. set. 2002.
- WALKER, John R. Introdução à Hospitalidade. 2. ed. Barueri: Manole, 2002.
- WAHAB, Salah; SUEZ, Abdel Hammam; JAFARI, Jafar. Tourism Education and Training. Annals of Tourism Research, Menomonie, 1997. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- WESTLAKE, John. Education for tourism. Tourism Management, Butterworth-Heinemann, 1992. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- WWF. Informações gerais. Disponível em: <<http://www.wwf.org.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.